Neill: do credo de Gretna Green à experiência de Summerhill

Neill: from Gretna Green creed to the Summerhill experience

Profa. Dra. Elizabete Conceição Santana

[1] Universidade do Estado da Bahia, betsantana@uol.com.br

Submetido em 23/12/2015
Revisado em 24/12/2015
Aprovado em 02/01/2016

Resumo: Partindo da premissa de que os diários refletem o pensamento dos professores, foram identificados no *Diário de um Mestre* os dilemas a partir dos quais Alexander S. Neill construiu seu credo pedagógico, em 1915. Depois de demonstrar como esse credo foi se consolidando, a instalação da escola de Summerhill, em 1924, conclui-se levantando questões, considerando a necessidade de estudar formas de levar para os sistemas públicos de ensino fundamental as inovações e princípios adotados em Summerhill.
Palavras chave: Neill; Summerhill; diários de professores; autoformação.

Abstract: Assuming that the diaries reflect the thinking of teachers, it have been identified in *A Domine Log* dilemmas from which Alexander S. Neill built his pedagogic creed, in 1915. After demonstrating how this creed was consolidated, up to the establishment of Summerhill school in 1924, this paper is concluded by raising questions considering the need to study ways to take to the elementary public school systems innovations and practices based in Summerhill.
Keywords: Neill; Summerhill; teachers journals; self-training.

Introdução

Uma constatação usual nos estudos sobre a profissão docente é a de que o desempenho do professor é influenciado pelos anos iniciais de formação considerados, desde as primeiras experiências escolares, até a formação propriamente dita para o exercício da profissão. Essas experiências repercutem sobre a identidade profissional levando muitas vezes à reprodução de formas de conceber o ato de ensinar e de fazer o ensino. Descobertas sobre o desenvolvimento profissional divulgadas, principalmente, nas últimas décadas do século XX, demonstram que, quando colocado em situações que exigem a releitura e a reflexão sobre sua forma de trabalho, o profissional tende a rever suas crenças e avaliar o seu desempenho introduzindo modificações em sua forma de atuar, adicionando novos elementos, princípios e valores a sua prática. Sob tais influências ocorrem mudanças pessoais em diferentes direções (Pineau, 1985; Kaddouri, 1996; Fond-Harmant, 1995).

Com base nos estudos que tratam da relação entre identidade profissional e processos de formação, a história de Neill foi investigada em uma pesquisa que, sem privilegiar a formação institucionalizada e sem pretender proclamar a autodidaxia, foi organizada em torno do pressuposto de que os sujeitos se formam a partir das oportunidades e limitações que as circunstâncias de vida oferecem, usando situações formais e informais de aprendizagem. O estudo tinha como principal objetivo identificar como um grupo de professores no efetivo exercício da atividade docente em escolas do ensino fundamental e três pedagogos ilustres utilizaram processos de autoformação, ao longo da vida profissional, como parte de uma estratégia de mudar a si mesmo e de se construir em uma determinada direção (Santana, 2006).

A análise da história de Neill revelou uma formação escolar fragmentada, insucesso escolar na infância e na adolescência e introdução precoce no mundo do trabalho.

Aos 14 anos, em razão das dificuldades para aprender, torna-se por decisão da família um aprendiz de professor sob a orientação de seu pai, na escola onde estudara. A partir de então, nessa escola e em outras para as quais foi sendo designado, exerce suas atividades sem implicação com a docência. Em consequência, desvaloriza a profissão. Os movimentos de busca de conhecimento que realiza, depois de vencido o seu período de aprendiz de professor, não estão voltados diretamente para aperfeiçoar o exercício da docência, visam acrescentar à sua maneira de ser competências relacionadas ao convívio em sociedade – quer aprender a dançar, a se portar nos círculos sociais, a apreciar música clássica e dominar os conteúdos necessários para fazer os exames que, em sua terra natal, constituíam requisitos para avançar na carreira docente. Em 1908, quando decide fazer um curso universitário, afasta-se do ensino, uma deliberação que resulta do modo como foi introduzido na atividade de professor e das experiências vivenciadas nos 10 anos de profissão que antecederam a sua entrada na universidade. O afastamento da profissão manteve-se, até a sua ida, em 1914, para Gretna Green, quando volta a ensinar, contra a sua vontade, em função da guerra que o afasta das atividades de jornalismo assumidas depois de diplomado[11]. Só, então, é que se empenha na construção de uma forma de ser professor que culmina com a instalação da escola de Summerhill, em 1924[12], na Inglaterra.

Os movimentos realizados por Neill, entre 1914 e 1924, para aprender sobre o ensino e a educação podem ser interpretados de acordo com a perspectiva de que o retorno aos estudos formais e informais em uma busca

[11] Gretna Green é uma cidade da Escócia, país onde Neill nasceu, em 1883, e viveu até o ano de 1912, quando viaja para Londres como jornalista.

[12]A escola internacional criada, em 1921, na Alemaha, tendo como sócios, Otto Neustatter, e sua esposa, Frau Doktor, é precursora de Summerhill, mas não corresponde à proposta que Neill coloca em prática, depois. Sob o título *A origem de Summerhill* , Neill refere-se à influência dos sócios na organização da escola e a limites que restringiam a sua atuação . Quando, em 1923, irrompe a revolução na Saxônia, viaja para as montanhas do Tirol, Austria, apenas com alunos da divisão que estava sob a sua responsabilidade, até que em fins de 1924, leva esses alunos à Inglaterra e aluga a casa chamada Summerhill. É, então, que a escola vai se construindo sob a influência das ideias que defendia (Neill, 1976, p.115-122).

autodirigida de formação representa uma intenção de reestruturação da existência subjacente à qual se encontra uma lógica de ruptura ou de conversão de identidade (Fond-Harmant, 1995). Ao vivenciar uma trajetória marcada pela lógica de conversão, os indivíduos procuram reafirmar ou aperfeiçoar traços identitários, enquanto nas trajetórias vivenciadas de acordo com uma lógica de rupturas ocorre a negação de traços anteriormente assumidos[13].

Na autobiografia de Neill, como foi demonstrado por Santana (2007, p. 213-235), fica evidente que ele desenvolve uma perspectiva de busca de conhecimento e de vivências de experiências profissionais de livre escolha, a partir de 1914, até mais ou menos o ano de 1924, quando vai para Summerhil. Percorre nesse período uma trajetória de autoformação, predominantemente, voltada para a construção de um perfil de professor progressista. Dessa trajetória resulta um credo pedagógico que já está completamente delineado no livro *Diário de um Mestre*, publicado em 1915, e que foi consolidado através das diversas experiências vivenciadas, até o ano de 1924.

A partir da experiência vivida em Gretna Green, decidido a firmar-se como professor, Neill empreendeu uma trajetória biográfica que se inscreve em uma lógica de conversão através da qual procurou legitimar uma posição em um espaço social e profissional já frequentado, anos atrás. Naquele momento da sua vida não empreendeu uma trajetória de ruptura com a profissão de professor anteriormente assumida. Logo no início dessa trajetória, em 1915, quando da escrita do *Diário de um Mestre,* faz uma explicitação de valores, princípios e de formas de atuação no campo do ensino. No decorrer da obra, procura justificar as posições assumidas ou explicitadas, sinaliza para o abandono de práticas aprendidas e interiorizadas sob a influência de seu pai, que foi seu professor e o formador que o iniciou na profissão de professor. A

[13] As principais fontes do estudo do processo de autoformação de Neill foram: o livro Autobiografía. Neill! Neill! Orange peel!, publicado em 1976, tradução para o espanhol de Neill, Neill, orange peel , originalmente publicado, em inglês, no ano de 1972; e a obra El nuevo Summerhill, de 1994, uma compilação realizada por Albert Lamb de textos escritos por Neill

reflexão que inicialmente ocorre através desse diário tem continuidade em diferentes momentos e eventos biográficos vivenciados entre 1914 e 1924 através dos quais Neill teve a oportunidade de reafirmar e consolidar suas posições e justificativas. Ao longo desses 10 anos, legitima-se como portador de um perfil profissional diferenciado em relação ao dominante entre os professores considerados tradicionais.

Isso não ocorreu sem conflitos, sem o reconhecimento de que havia diferentes formas de conceber e fazer a educação e o ensino, sendo necessário fazer opções entre diferentes caminhos. Situações semelhantes às vivenciadas por Neill acontecem de diferentes formas na vida de todo professor e nem sempre são objeto de registros que permitam um acesso posterior, do próprio professor ou de outros, à história do processo de mudança vivenciado.

Neste artigo, partindo da premissa de que os diários são uma fonte para investigar o pensamento dos professores, a obra *Diário de um Mestre*, escrita por Neill, foi objeto de análise para identificar os dilemas a partir dos quais ele elegeu caminhos e tomou decisões para construir seu credo pedagógico, em 1915. Utilizando outros escritos de Neill realiza-se também uma breve análise para verificar como esses caminhos e decisões foram consolidados no caminho de autoformação percorrido até a instalação de Summerhill, em 1924. Como conclusão foram levantadas algumas questões considerando a necessidade de trazer para os sistemas públicos de ensino fundamental descobertas, inovações e princípios que contribuam para o seu funcionamento administrativo e pedagógico.

O livro "Diário de um Mestre": fonte para conhecer o processo de construção do credo pedagógico de Neill

Trata-se de um livro narrado em primeira pessoa, com referências múltiplas ao contexto da pequena Gretna Green, que é retratada como um povoado isolado, sem relações com o mundo exterior.

Logo no início da edição em inglês, em uma dedicatória dirigida a seu pai, Neill ressalta como foram felizes as crianças da escola que serviu de referência para a escrita do diário, sob a sua regência e direção. Uma evidencia do quanto ainda estava marcado pelas experiências traumáticas de aluno e de aprendiz de professor na escola regida por seu pai e o quanto reflexões sobre as práticas vivenciadas no passado estavam presentes no livro.

Com relação aos motivos para a produção da obra há que considerar o que diz Neill:

> Comecei a escrever esse diário para descobrir minha filosofia da educação, e estou descobrindo a mim mesmo. Descobrir nosso eu é o mais importante. A personalidade importa muito no ensino. Até que ponto serei um perigo para meus alunos? Não os estarei influenciando demasiado? (Neill, 1976, p 282).[14]

Apesar dessa afirmativa, é possível conjecturar sobre a existência de motivos complementares não diretamente explicitados no livro, por exemplo, quando o autor afirma que, temendo a possibilidade de limitar os seus horizontes aos hábitos locais de Gretna Green, resolve "escrever livros para não enlouquecer" (Neill, 1976, p. 94) e, ao mesmo tempo, procura manter o contato com o mundo lendo The New Age e The Nation, jornais que recebia semanalmente pelo correio. A essas observações adiciona ainda na mesma página:

> Mudar-se da Rua Fleet [rua muito movimentada de Londres e onde se concentravam as instalações dos grandes jornais na época] para uma tranquila aldeia na Escócia exigia certa adaptação. Hospedei-me em uma pequena cabana. Quando minha proprietária levava o lampião à noite e baixava as persianas da pequena janela eu me sentia isolado de todo o mundo. Parece ridículo que um homem conhecido como um herege da educação tenha adotado sua profissão só porque fracassou como periodista e porque não teve coragem de entrar no exército.

[14] A versão do livro Diário de um Mestre utilizada para a escrita deste artigo constitui o capítulo V, página 264 a 337, da obra: NEILL, A. S. *Autobiografía. Neill! Neill! Orange pee*l!, 1ª. ed. em espanhol. Tradução Carlos Valdés Vazquez. México/Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1976.

Fica claro que a escrita do livro também correspondeu à necessidade de preencher o vazio nostálgico que tem lugar quando o autor acostumado a uma vida citadina, em Londres, se vê obrigado a viver em uma pequena localidade, sem as comodidades e atrativos diurnos e noturnos da cidade grande.

Em vista das circunstâncias que cercam a construção da obra e considerando que aquele que escreve dirige-se sempre a um interlocutor, às vezes imaginário, cabe levantar interrogações do tipo: A que interlocutor Neill se dirigia? A si mesmo? A outros professores? Tratando-se de um diário, obra produzida passa a passo, no transcorrer de sua permanência em Gretna Green como professor e diretor de uma pequena escola, é correto imaginar que ao escrevê-la, o autor dialoga consigo mesmo. Entretanto, Neill teve uma trajetória como editor de um jornal universitário e, posteriormente, exerceu com satisfação, a profissão de jornalista.

Da sua experiência como editor do *The Student,* e como colaborador *do The Glasgow Herald,* quando tinha 28 anos e era aluno do curso de Língua Inglesa, Neill concluiu: "O jornalismo seria meu futuro" (Neill, 1976, p. 88). E é nesse campo que procura emprego quando sai da universidade. Trabalha então na Escócia e, posteriormente, em Londres, na edição de uma enciclopédia. Também escreve as seções de língua e literatura, de matemática e de desenho do livro de consulta *Popular-Educator*. Depois, ainda em Londres, trabalha na revista *Picadilly Magazine,* cuja publicação prevista para agosto de 1914 foi interrompida com a eclosão da guerra, em julho daquele mesmo ano.

Na chegada a Gretna Green considerava-se mais um jornalista de que professor, daí a suposição de que teve a intenção de dar publicidade ao que escrevia, já durante a redação do diário.

O *Diário de um Mestre* não traz textos datados que permitam identificar como os fatos narrados aconteceram no tempo, sua estrutura indica que o autor não fez uso de um plano condutor na escrita, os diversos temas tratados são abordados de maneira fragmentada, muitos deles são retomados em diferentes

trechos. Na perspectiva de Viñao (2004, p. 344), a descontinuidade e fragmentação em textos desse tipo são indicativos de que a obra não foi objeto de uma reelaboração, após a sua redação inicial. Ou seja, a obra corresponde ao relato elaborado por Neill no período em que viveu em Gretna Green e ele mesmo afirma: "Escrevo de maneira semelhante a como ensino: vou de um tema a outro sem nenhuma ordem". (Neill, 1976, p. 331).

O fato é que a obra em análise é um documento pessoal, uma produção livre, elaborada sem a intervenção de um investigador, de alguém que buscasse dirigir ou orientar a reflexão do autor. Pode-se dizer que foi o fluxo dos acontecimentos diários da atividade como professor e como sujeito eventualmente inserido no contexto social da pequena Gretna Green que fomentou reflexões e conduziu à escrita. O texto, portanto, combina descrições de como o mestre conduzia as atividades escolares, reações das crianças diante do que lhes era proposto fazer, ocorrências observadas na comunidade, referências à conduta dos seus habitantes e a tipos humanos característicos da localidade, divagações sobre as ideias, sentimentos e crenças de Neill a respeito de educação, ensino, sociedade. Apresenta um componente descritivo ao registrar, algumas vezes, detalhes de situações de sala de aula e um componente expressivo e autoexpressivo ao ressaltar características e reações dos alunos e traços de caráter, competências, sentimentos, inquietações e aspirações do próprio autor[15].

Os alunos, a comunidade e o si mesmo são os eixos a partir dos quais o autor vai delimitando posicionamentos e construindo um credo, uma filosofia de educação muito particular que, posteriormente, foi sendo testada e, ao

[15] Zabalza (1994, p. 110-111) distingue três tipos de diários ao discorrer sobre o papel desse instrumento na investigação do pensamento do professor: diário como organizador estrutural da aula no qual o professor especifica como organizou as atividades, usando-o como instrumento de programação; diários que descrevem as tarefas realizadas com ênfase na dinâmica didática e diários expressivos e auto expressivos que ressaltam aspectos pessoais ao expressar as características dos alunos e dos próprios professores.

mesmo tempo, se consolidando no exercício de atividades vinculadas ao ensino e a educação, até tomar a forma da escola de Summerhill.

O diário é um livro intensamente marcado pelas circunstâncias de vida de Neill no momento em que houve um recuo em relação ao estilo de vida vivenciado em anos anteriores, quando vivia em Londres, trabalhando como jornalista e tinha uma intensa vida social. O contato com uma forma de ser professor e uma reflexão em torno dessa forma foi facilitada por circunstâncias tais como: o aspecto bucólico de Gretna Green, na época; o estado de guerra em que o mundo se encontrava; a volta à situação de professor, depois de um longo afastamento; e a interinidade da situação como professor e diretor substituto. Além do mais, a autonomia decorrente do fato de ser seu próprio diretor, as relações amistosas estabelecidas com os responsáveis pela inspeção e o reconhecimento de que "à Junta Escolar não importava muito o que [...] fazia" (Neill, 1976, p. 95) resultaram em liberdade para experimentar formas de fazer o ensino. O certo é que as circunstancias conspiraram para fomentar a reflexão sobre as inovações introduzidas e as transgressões postas em prática no que diz respeito às normas oficiais e à tradição educacional.

Enfim, o diário é um livro testemunho dos momentos de reflexividade vividos pelo autor e está marcado pelo seu estilo de redação e por um tipo característico de humor que ele cultivava.

Os dilemas de Neill, em 1914, e os caminhos escolhidos

No *Diário de um Mestre,* Neill registra os seus dilemas, ou seja, discorre sobre "situações bipolares ou multipolares que se apresentam ao professor no desenrolar da sua atividade profissional" (Zabalza, 1994, p.61). Os estudos que analisam esse aspecto da profissão docente consideram que, ao se defrontar com situações problemáticas que exigem uma tomada de decisão, o professor faz escolhas colocando-se em um dos polos em que se situa a possibilidade de resolução do problema encontrado.

No diário estão presentes as situações problemáticas que exigem decisões imediatas e configuram o trato com o cotidiano da sala de aula, incluindo as questões relativas ao controle da classe, ao modo de regular o comportamento dos alunos e de conduzir o ensino de determinados conteúdos. Também estão presentes diálogos que o autor travou com ele mesmo e com outros interlocutores – colegas professores e inspetores – a respeito das linhas mais gerais que definem uma filosofia da educação e que se referem a dilemas relacionados com problemas e questões amplas, não diretamente relacionadas com o contexto imediato da sala de aula. Nesse caso, encontram-se as reflexões que dão lugar ao questionamento sobre a inclusão ou ausência de determinadas disciplinas no currículo, objetivos do ensino e da educação para crianças na fase da escolarização elementar em uma comunidade rural, relações entre as classes sociais e o papel da escola quanto a esclarecer os alunos sobre essas relações. Os dilemas que exigem decisões imediatas refletem na ação cotidiana do professor em sala de aula. Os demais configuram uma filosofia, uma forma de pensar o ensino e a educação que, quando efetivamente internalizada, pode se refletir no modo de planejar as atividades, no modo de se colocar diante das propostas oficiais e na forma de conduzir as atividades de sala de aula.

O livro trata de diferentes temas que afetam o funcionamento de uma escola. Nele é recorrente a abordagem de questões relativas ao controle da disciplina escolar, incluindo aí aspectos relacionados à autonomia dos alunos, medidas postas em prática para regular a vida na escola e a manutenção do clima necessário para assegurar o convívio entre alunos e entre esses e os professores. Em todos os trechos que tratam da questão é perceptível a existência do dilema: disciplina imposta versus autodisciplina, ou seja, gestão imposta, centralizada no professor versus autogestão, dilemas que os professores e gestores de escolas continuam enfrentando, até hoje.

Logo no início da obra (Neill, 1976, p. 268), há o registro de um castigo físico que o mestre infringe a um aluno como punição, adotando uma atitude

coerente com as normas e padrões ainda vigentes na época, mas que Neill, naquela altura da sua trajetória, considera reprovável. As condições propícias a uma reação de estranheza às práticas que sempre estiveram presentes em sua formação como aprendiz de professor e na sua carreira docente foram criadas, possivelmente, em razão do contato com novas ideias na vida universitária e na de editor e escritor de jornais e revistas, ao longo do período de afastamento das atividades de ensino.

Em meio às constantes referências à disciplina, descreve incidentes de sala de aula que dão ao professor a oportunidade de aplicar castigos e de se debruçar sobre essas atitudes para questionar as razões das suas ações e conjecturar sobre as reações das crianças. Os dilemas com relação à disciplina ganham visibilidade quando o autor confronta a sua forma de ser e de conceber a relação professor – aluno com as expectativas da sociedade local, dos pais e das autoridades educacionais quanto à exigência de uma disciplina rígida na escola.

Ao discorrer sobre a inconveniência da disciplina imposta e da obediência estrita, sem entendimento da razão das normas propostas, destacam-se crenças que vão orientar a prática na escola de Gretna Green e em suas atividades futuras, como sugerem as afirmativas: "Creio na disciplina, porém na disciplina que o indivíduo impõe a si mesmo" (p. 267); "Não gosto da disciplina estrita porque creio que a criança deve ter o máximo de liberdade possível. Desejo que as crianças sejam humanas e eu também trato de ser" (p. 266).

Da reflexão sobre a disciplina tem origem a experimentação de procedimentos com base em crenças e práticas de autogestão que parecem se consolidar ao longo do período da escrita do diário. E na raiz das práticas de autogestão que vai adotando, está a crença na necessidade de inculcar nos meninos um espírito comunitário, ou seja: "Deve-se ensinar as crianças que os

outros também têm direitos [...] Todos temos direito de viver nossas vidas, porém devemos fazê-lo em harmonia com a comunidade" (p. 269).

Ao abordar o tema currículo, Neill mescla críticas sobre a imposição oficial com posicionamentos sobre a importância de alguns conteúdos curriculares, considerando, sobretudo, a característica rural da escola onde ensinava. É visível a emergência de conflitos relacionados com a aceitação versus rejeição das diretrizes oficiais sobre currículo. Ao longo do desenvolvimento de toda a obra estão presentes dilemas sobre o que ensinar articulados a dilemas sobre os objetivos do ensino e da educação. Ou seja, ao longo da escrita do diário, Neill se encontrou em situações que o obrigaram a refletir sobre para que e porque ensinar ou que evocaram lembranças sobre essas questões.

No Capítulo I, uma declaração sobre o principal objetivo a ser alcançado com o seu trabalho já aponta para os posicionamentos assumidos em relação ao papel dos conteúdos na escola.

> Desejo que meus alunos compreendam o que significa a vida [...]. Sim, desejo ensinar-lhes, ou melhor ajudá-los a que encontrem uma atitude. A maioria do que ensino esquecerão em um ano ou dois, porém um atitude se conserva por toda a vida. Desejo que esses rapazes e essas moças adquiram o hábito de ver a vida com honradez (Neill, 1976, p. 265).

Seu pensamento sobre o que e como ensinar torna-se mais claro, quando, na página 290, declara: "Trato de formar mentes que perguntem, destruam e reconstruam". Propõe um ensino incidental, tomando como ponto de partida o que acontecia, ocasionalmente, na sala, na comunidade ou fora de Gretna Green usando, por exemplo, os jornais como recurso didático. Essas são iniciativas inovadoras em uma época em que a norma era seguir rigorosamente a sequência de conteúdos prescrita nos programas de ensino, ministrar preleções e usar o livro didático como o principal ou único recurso.

Reage ao *status* concedido à observação no ensino das Ciências Naturais ressaltando que esse recurso didático só tem sentido se acompanhado da imaginação.

Sobre o ensino da história, critica os livros de textos baseados em histórias de reis e rainhas que não ensinam a pensar e que passam uma impressão falsa dos eventos e das pessoas. Portanto, "isto é inútil, o que importa é a história das pessoas e do seu gradual progresso da escravidão ao trabalho pesado" (p. 273).

Contra o pensamento do inspetor que acredita ser a escrita uma ciência prática, Neill declara que a escrita é "uma arte como o desenho [...] Que importa o estilo? A arte que se põe no estilo é o que faz com que a escrita seja boa" (p. 275). Os erros ortográficos e gramaticais importam pouco. Os temas propostos para redação devem estimular a imaginação, daí que costuma iniciar a atividade de escrita, por exemplo, dizendo aos alunos: "Suponha que você dormiu mil anos, e conte o que ocorreu depois que despertou" (p. 297). Esses posicionamentos representam escolhas realizadas em torno do dilema: ensino tradicional da escrita e da gramática versus um ensino renovado.

Descreve as experiências que realiza em sala de aula com o desenho, quando propõe o desenho livre e conduz o ensino de uma forma articulada com a sua experiência pessoal em relação a esse conteúdo curricular (p. 275).

Declara-se contra a presença da religião no currículo escolar, e considera que a educação sexual deve ser dada na escola de modo que os alunos aprendam que o sexo é um fato normal da vida (p. 286). Demonstra a sua simpatia pelas classes mistas onde meninos e meninas aprendem a interdependência entre os sexos e faz muitas outras observações sobre o currículo, entre elas, as referentes aos temas que discutia em sala de aula: o feminismo, as relações entre os homens; a exploração dos trabalhadores, os jornais como veiculadores de ideologias, etc.

E ao final do diário (p. 336), revela:

> O pai de Mary [*uma aluna*] tem razão: transformei minha escola em um campo de jogo, e me alegro disso. Estes meninos gozaram de um ano de felicidade e liberdade. Fizeram o que quiseram; cantavam ao trabalhar em suas escritas, comiam doces enquanto liam seus livros, jogavam-se em meus braços quando vagávamos em busca de paisagens bonitas.

Os resultados não foram somente a liberdade e a alegria da criança. O diário revela uma experimentação de formas de ensinar determinados conteúdos considerando os interesses e características das crianças e a necessidade que todo professor sente de articular o que ensina e o como ensina com a sua maneira de ser e de ver o mundo. Com a realização de atividades fora da sala de aula, houve uma ampliação do conceito de espaços de aprendizagem, perceptível, quando Neill ressalta:

> Meus alunos permanecem no campo todo o dia. A turma toma seus livros, se dirige ao caminho e descansa nas colinas. Quando desejo que venham, os chamo com o clarim. Cada grupo tem um toque de regimento e volta rapidamente ao ouvi-lo (p. 301).

Enquanto os alunos maiores estavam no campo, o professor dava aulas aos menores que não tinham autorização para ir sozinhos àquele espaço. Ao ar livre também eram realizadas as atividades de desenho, em determinados dias da semana. O ensaio de práticas de autogestão se torna evidente na afirmação:

> Não obrigo nenhuma criança a aprender em minha escola. Os poucos que não gostam dos livros e das aulas podem abandonar seus assentos quando ensino. Os que fogem ao dever nem sempre são os mais ignorantes (p. 301).

Foram também ensaiadas novas formas de relação entre o professor e o aluno, na tentativa de passar para a criança a imagem de um professor humano, que tem sentimentos e gostos, aprecia sentir prazer, cultiva formas de lazer e se distancia da figura do professor autoritário, demasiadamente afastado da criança.

Na última página do diário, uma avaliação do período de permanência como professor, em Gretna Green:

> Serei sincero até certo ponto e terminarei meu diário declarando solenemente que creio ter realizado bem o meu trabalho. Quanto ao trabalho que esperava de mim o Departamento de Educação da Escócia... Bom, minha última anotação no diário oficial é uma boa mostra disto: A escola fechou hoje, porque começaram as férias de verão. Recebi minha dispensa do Departamento (Neill, 1976, p. 337).

A consolidação do credo: das experiências do início dos anos 20, até Summerhill, em 1924

Depois de Gretna Green e de uma passagem como militar na primeira guerra mundial, Neill exerce atividades em instituições particulares, afinadas com propostas de renovação do ensino. Conhece Homer Lane e a comunidade de jovens delinquentes que dirigia adotando princípios de autogestão. Foi contratado para trabalhar na Escola King Alfred por John Russell, um educador progressista, e ali realiza uma experiência de autogestão que foi mal sucedida. Submete-se a sessões de análise com Homer Lane, quando se encantou com o analista, pois, "o que me dizia sobre liberdade era o evangelho que eu estava buscando, era o fundamento científico dos vagos anelos que havia mostrado em meu Diário de um Mestre" (p. 108).

É nessa época que Neill concebe a análise como recurso importante para a educação das crianças e começa a formular seus pressupostos sobre a necessidade de considerar os impulsos sexuais na educação infantil.

Posteriormente, por volta de 1921, junto com Beatrice Ensor, torna-se editor da revista *The New Era*, a edição inglesa da Revista Internacional de Educação Nova pertencente à Liga Internacional da Educação Nova, criada por Betarice e Ferrière. Na edição francesa da revista, denominada de Pour L'Ere Nouvelle, foi constante a presença de artigos sobre a Escola Nova, autogestão, coeducação, escola ativa, Decroly, Montessori, Ferrière e outros. O primeiro

número da revista, em 1922, registra que era proposta da Liga Internacional da Educação Nova uma educação voltada para o desenvolvimento da supremacia do espírito que tornasse a acriança consciente da dignidade humana. A liga defendia como princípios: o respeito à individualidade da criança, a seus interesses inatos, livremente expressos através das atividades manuais, intelectuais, estéticas, sociais e outras; uma disciplina pessoal e coletiva organizadas pela própria criança de modo a reforçar o sentimento de responsabilidade individual e social; substituição da competição pela cooperação, ensinando a criança a colocar sua subjetividade a seviço da coletividade; coeducação, entendida como instrução e educação comum com a colaboração entre os dois sexos, de modo a que cada um exerça sobre o outro influência salutar[16].

Por conta da relação com Beatrice Ensor, membro importante da Sociedade Teosófica e do meio educacional da Inglaterra, Neill participa, em Calais, do primeiro Congresso Internacional de Educação Nova, organizado por Ferrière; profere conferência em Salzburgo, Austria; vai à Alemanha onde cria com outros parceiros, em Hellerau, uma escola internacional que permanece funcionando no país, de 1921 até 1923, quando irrompe a revolução na Saxônia da qual se afasta, levando os seus alunos, primeiro para a Austria e, depois, para Summerhill, na Inglaterra.

De modo que o período de 1918, até o início dos anos 20, representou para Neill uma ampliação de horizontes que certamente contribuiu para a consolidação do credo construído em Gretna Grenn. Uma consolidação que ocorreu, seja pela incorporação de novos elementos como, por exemplo, a concepção de liberdade inspirada por Homer Lane, seja por uma ferrenha

[16] Princípios retirados do número 1 de *POUR L' ERE NOUVELLE,* edição francesa da revista da Liga Internacional da Educação Nova, , editada por Ferrière e publicada em janeiro de 1922, disponível em http://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/pen. Acesso em 22 de dez.2015. Os diversos números de *The New Era,* edição inglesa da revista da liga, editada por Neill, junto com Beatrice Ensor, encontram-se no Instituto de Educação da Universidade de Londres e não estão disponíveis para consulta eletrônica.

adesão a princípios anteriormente construídos, estimulada por embates travados para rechaçar ideias menos extremistas do que as suas sobre a renovação da educação. Embora já houvesse no credo elaborado, em Gretna Green, vislumbres de princípios defendidos pela Liga Internacional da Educação Nova, alguns desses princípios aparecem de forma mais nítida e com ênfase mais marcante, posteriormente, nas descrições de Neill sobre a proposta de educação que colocou em prática, em Summerhill.

O fato é que as ideias concretamente postas em prática e defendidas em Summerhill são consistentes com o credo formulado, em 1915, e assim permanecem, até o século XXI.

Que questões devem ser postas a Summerhill no século XXI?

Os relatos dos ex-alunos, de visitantes e de Neill descrevem Summerhill como uma escola que funciona em regime de internato e de coeducação, localizada em terrenos amplos favoráveis a pratica da recreação, onde a autonomia é estimulada para que o aluno seja ele mesmo e se desenvolva segundo os seus interesses. Nessa escola, é livre a escolha das disciplinas a estudar e das manualidades que se quer experimentar; as aulas não são obrigatórias, cada criança decide quando assisti-las; a formação do caráter e da personalidade importam mais do que a aprendizagem dos conteúdos escolares. A escola tem uma proposta de autogestão que se efetiva através de uma assembleia semanal, realizada aos sábados, da qual participam professores, diretores, funcionários e alunos de todas as idades. Através desse mecanismo, tem lugar a construção das normas que regem a comunidade escolar e o julgamento das infrações cometidas, sendo que o voto de cada um dos membros tem igual peso, uma vez que todos têm direitos iguais[17].

[17] Ver texto escrito Zoe Readhead, filha de Neill, sob o títullo *Summerhill hoje,* em Vaughan (2011).

São muitas as questões que um maior conhecimento da experiência de Summerhill suscita, principalmente quando se articula a sua concepção com a história de vida e formação do seu criador.

As primeiras questões levantadas aqui dizem respeito à permanência da experiência. Diante de tantas inovações educacionais, de iniciativa pública e privada, que tiveram vida curta ou se descaracterizaram, como explicar que a proposta de Summerhill tenha permanecido, até hoje, com as mesmas características? Que fatores contribuíram para a continuidade da experiência e para uma fidelidade à proposta inicial?

Summerhill é uma escola particular que sempre funcionou para um reduzido número de alunos. Em 1949, tinha setenta alunos entre 4 e 16 anos; em 2007, funcionou com 78 alunos entre 5 e 17 anos. É amplo o reconhecimento da dificuldade de replicar a experiência de Neill nas grandes escolas de ensino fundamental e médio que atualmente constituem a rede pública, em nosso país. Apesar da impossibilidade de reprodução integral da experiência, as inovações e descobertas que ocorreram lá podem, de algum modo, contribuir para iluminar dilemas que ainda persistem na gestão administrativa e pedagógica das escolas públicas. Assim, cabe interrogar: que releitura da experiência de Summerhill se faz necessária para a descoberta de princípios, critérios, estratégias e práticas aplicáveis ao ensino público? Não se trata de buscar um transplante, o essencial é encontrar inspiração para transformar ou adequar práticas.

Neill sempre se negou a buscar explicações teóricas para os princípios e práticas adotados em Summerhill, seus escritos sobre a experiência relatavam características do trabalho realizado na escola, justificando-as de um modo muito pessoal. Para além das restrições apontadas nos relatórios das inspeções oficiais realizadas na escola, críticos como Saffange (1995), apontam fragilidades e consideram que os princípios sobre os quais a escola foi construída bem como o seu cotidiano e resultados carecem de análises e justificativas sólidas. Tais

considerações remetem à questão: à luz de que princípios das teorias da educação desenvolvidas, nas últimas décadas, Summerhill poderá ser analisada? E quem fará isso?

Pelo depoimento de Zoe Readhead, atual diretora da escola, nos últimos anos foram empreendidas algumas mudanças e adequações à realidade. Nada ainda que corresponda a uma sistematização que envolva o conjunto da obra, retirando-a do *status* de uma concepção intuitiva para colocá-la como uma proposta educacional, cujos princípios originais encontram ressonância, total ou parcial, em pressupostos teóricos atualmente presentes no campo da educação e de áreas relacionadas. Sem isto, "Summerhill foi e seguirá sendo durante muito tempo um lugar mítico onde um dia nasceu um mundo de amor e harmonia" (Saffange, 1999, p.10).

Referências

FOND-HARMANT, Laurence. Approche biographique e retour aux études. **Education Permanente**, Arcueil, n. 125, p. 7-21, 1995-4.

NEILL, Alexander S **Autobiografía. Neill! Neill! Orange Peel**! 1.ed. em espanhol. México; Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1976.

_____. Diario de un maestro. In: _____. **Autobiografía. Neill! Neill! Orange Peel**. 1. ed. em espanhol. México/ Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1976. p. 263-337.

_____ . **A Dominie's Log**. Londres: HERBERT JENKINS LIMITED. 1915

SAFFANGE, Jean François .**ALEXANDER SUTHERLAND NEILL (1883-1973**). Disponível em:< *https://medull.webs.ull.es/pedagogos/NEILL/neills.pdf* > Acesso em 22 dez.2015.

SANTANA, Elizabete C. **Autoformação, caminho, compromisso e luta dos profissionais da educação.** 455p. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Barcelona, Barcelona, 2007.

VAUGHAN, Mark et al. **SUMMERHILL E A.S. NEILL: a escola com a democracia infantil mais antiga do mundo.** Trad. Maria Lucia Ricci Leite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

VIÑAO, Antonio. Relatos e Relações autobiográficas de professores e mestres. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: possibilidades, leituras**. Campinas SP:Mercado de Letras, 2004. p. 333-373

ZABALZA, Miguel Angel. **Diários de aula.** Porto: Porto Editora, 1994.